

## ESTUPEFAÇÃO E O ESMAECIMENTO DO PROJETO UTÓPICO NA FICÇÃO DE 70: *QUARUP*<sup>i</sup>

Giselia Rodrigues Dias (PBIC/UEG)

**RESUMO:** Este artigo aborda uma reflexão sobre o modo como o romance **Quarup**, de Antonio Callado, inserido na chamada literatura pós-64, ao dialogar com as contradições advindas sobretudo da instauração do regime militar no Brasil, incorpora esteticamente o percurso da construção ao esmaecimento dos projetos utópicos esboçados, a fim de superar os descompassos de uma realidade não encerrada nas páginas da ficção.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura pós-64, projeto utópico, **Quarup**.

*“Um traço que deve caracterizar o ser humano ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória.” (T. COELHO)*

### Introdução

Imaginação utópica é o que podemos chamar à força de contradição inerente ao comportamento humano, capaz de conduzi-lo à transposição de quaisquer barreiras do presente, a fim de projetar no mundo das possibilidades aquilo que, na realidade, inexistente ou necessita ser modificado. Imaginação essa essencial à concretização de um poder vir a ser fundamentalmente melhor do que aquilo que realmente é, já que, ao direcionar o olhar do homem para o futuro, para aquilo que se precisa transformar e/ou tornar realidade, propicia reflexões sobre as incongruências do presente e esclarece, assim, atitudes a serem tomadas e ações necessárias a serem empreendidas.

Imbuída dessa mesma imaginação, grande parte dos artistas e intelectuais que vivenciaram as contradições concernentes ao autoritarismo instaurado no Brasil com o golpe militar de 1964, encontrou nas manifestações artístico-culturais desse período, de modo particular nas expressões literárias, um anteparo para a projeção artística de ideais revolucionários. Todavia, em virtude dos recrudescentes cerceamentos de liberdades individuais e coletivas, nas quais se incluem as diversas tentativas de tolhimento da capacidade criativa dos escritores, quer pela censura, quer pela auto-censura<sup>ii</sup>, aos poucos, no lugar da projeção utópica de reverter o caos e afirmar uma nova realidade, se instalam as especulações e dúvidas a respeito das credibilidades depositadas no alcance daquela. Logo, como afirma Rocha (2006, p. 67)

[...] não apenas o projeto utópico deixa de ser proposto, como também a antiga confiança em tal projeto, por meio do questionamento dos meios utilizados para alcançá-lo ou ainda por meio do desvendamento dos comprometimentos pessoais daqueles que o encabeçaram.

Nesse sentido, parte da produção ficcional de Antonio Callado (1907-1997), ao estabelecer um intrínseco diálogo com o referido contexto sócio-histórico brasileiro, que se estendeu de meados dos anos 60 até meados dos anos 80, incorpora estruturalmente e tematicamente de diversas formas, dentre outras temáticas, a estupefação dos sujeitos submersos num quadro opressor, traduzida, na elaboração e exposição de projetos utópicos, além disso, também expõe o paulatino esmaecimento da confiança de que esses projetos pudessem se realizar.

Assim, faz-se possível voltarmos um olhar reflexivo para o diálogo estabelecido entre o romance **Quarup** e a realidade extra-ficcional, por ele absorvida e (re)elaborada, a saber, o decênio que coincide com a instauração do regime militar no país. Isso, sob um ângulo que explicita de que forma, ao fazê-lo, a narrativa se projeta como uma arma de denúncia<sup>iii</sup> dos descompassos da realidade e de resistência a eles, fazendo ressoar, paralelamente, perspectivas utópicas de superá-los. E ainda, de que forma tais perspectivas gradativamente se esmaecem em virtude de forças coercivas e contraditórias exercidas contra as mesmas.

## 1- Quarup

O intrínseco diálogo estabelecido entre **Quarup** e o contexto sócio-histórico já especificado, não acontece como uma simples reprodução ou espelhamento deste, visto que “a arte é uma modalidade do imaginário, e o imaginário não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, e, mais longe ainda, transfigura-a” (FREITAS, 1989, p.113). Logo, não há que se cobrar da ficção que transfigura a matéria de extração-histórica<sup>iv</sup> uma total fidelidade aos registros documentais, ou inferir-lhe juízos valorativos pautados em noções de certo ou errado, verdade ou inverdade, fidelidade ou infidelidade.

Isso porque, como afirma Bastos (2000, p.11-12)

[...] a própria história caiu sob suspeição, desde que os historiadores compreenderam tratar-se ela de uma construção cultural, discursiva, passível de *contaminação*, ideológica ou de outra ordem qualquer. A história não é mais o lugar incontestável da verdade. Comporta uma dose maior ou menor de ficção, entendida como o engendramento de situações apenas recuperáveis pela via discursiva.

Ao considerarmos essa mesma liberdade concedida pela ficcionalidade correlacionando-a à mobilização dos diversos conhecimentos em busca daquilo que há de mais profundo e recôndito em cada realidade lingüisticamente construída, as possibilidades interpretativas de uma obra literária tornam-se mais amplas e, por extensão, a própria visão de mundo do leitor.

No que diz respeito à receptividade do romance calladiano, quando de sua publicação, quer pelo público leitor, quer pela crítica literária, Renato Franco (1999) afirma que

**Quarup**, romance de Antonio Callado publicado em 1967, logo causou forte impacto tanto em seu público – que não foi desprezível – como na crítica especializada que imediatamente tendeu a se dividir entre os entusiasmados pelo romance – como Ferreira Gullar – e os que não pouparam críticas à obra, seja pela notável ambição do livro, seja pela falta de unidade e coerência, que conferiria a ele uma natureza literária caótica. O romance foi freqüentemente comparado, por sua intenção participante, ao de Carlos Heitor Cony, pois se dirigia, como este, “a um público que, tendo perdido a revolução na realidade, quer conservá-la viva, pelo menos no livro” como diz Lígia C. M. Leite (1982, p. 139). (FRANCO, 1999, p. 145)

**Quarup** se encontra estruturalmente dividido em sete partes: “O ossuário”, “O éter”, “A maçã”, “A orquídea”, “A palavra”, “A praia” e “O mundo de Francisca”. Organizadas numa seqüência temporal lógica e cronológica e, “ao mesmo tempo que conquista para si o significado único, específico e intransferível de realidade literária, lingüisticamente traduzida” (PELLEGRINI, 1996, p. 24), absorve e reelabora esteticamente “um vasto painel da vida brasileira” (FRANCO, 1999, p. 148): dos últimos anos do último governo de Getúlio Vargas, ao golpe militar de 1964 com suas conseqüências. Um tempo obscuro, amargo, transcorrido num cenário de crescentes cerceamentos de liberdades e recrudescentes brutalizações do poder que, contudo, não foram suficientes para silenciar totalmente as vozes de denúncias ou pôr termo às aspirações de futuro promissor.

Segundo Alcmeno Bastos (2000, p.17)

**Quarup** centra-se na figura de Nando, desde seus tempos de jovem padre, interessado antes de mais nada em preparar-se para o que julga ser seu destino, o apostolado católico junto aos índios do Brasil Central, até a decisão final de engajar-se na luta armada contra o regime militar instaurado em 1964.

Nando encontra-se inicialmente em Pernambuco comprometido com um projeto utópico de construção de uma nova nação a partir de povos, segundo o seu ponto de vista, ainda não corrompidos pelos adventos da civilização - os povos indígenas do Brasil Central:

“[...] entre eles a aventura do homem na terra poderia começar tudo de novo”. (CALLADO, 1984, p.19-20)

No entanto, após um gradual e complexo processo de auto-conhecimento e superação dos próprios receios - confluindo, para tanto, fatores intrínsecos e, principalmente extrínsecos: as relações interindividuais mantidas com outras personagens que figuram na narrativa - Nando transmuta-se da alienação para o engajamento político contra o regime militar. E, nesse percurso, efetiva-se o esmaecimento desse seu primeiro projeto utópico, voltado para a concretização de um “não-lugar” em um “lugar algum” ; ressurgindo subseqüentemente, um novo projeto utópico voltado para o “tempo algum” passível de superar as mazelas do presente.

De modo que, ao seguirmos esse percurso, da alienação ao engajamento efetivo, empreendido pelo personagem protagonista, salta-nos aos olhos uma constante tensão entre a construção de projetos utópicos e os sucessivos esmaecimentos dos mesmos em virtude do poder coercivo exercido sobre as liberdades individuais e coletivas. Contribui para tanto, uma peculiaridade formal narrativa – o seu caráter inconcluso – que, ao apontar uma perspectiva utópica para além da temporalidade e da espacialidade encerradas nas páginas do romance, confronta com forças contraditórias e com o próprio esmaecimento das mesmas num plano extra-ficcional.

Desse modo, **Quarup** pode ser categorizado como um romance político, tanto pelo fato de ser evidente, em seu plano de conteúdo, o comprometimento com “a exposição de uma situação socialmente injusta” (BASTOS, 2000, p. 12), quanto, no plano formal, pelo seu final em aberto:

Falta a **Quarup**, [...] e isso não representa restrição qualitativa, a dimensão epilógica [...] do romance histórico. Exemplarmente a narrativa se encerra com a sugestão de que o drama histórico (por extensão político) está longe de haver-se concluído. Nando, o protagonista, terminado seu aprendizado de Brasil, recebido o batismo de revolucionário (a adoção de um codinome), parte para a luta armada, cujo desfecho o leitor não sabe na instância ficcional, porque a narrativa fica aberta às diversas possibilidades de conclusão. (BASTOS, 1999, p. 155)

E, conseqüentemente, dependente da capacidade imaginativa do leitor para completar as lacunas e pendências históricas que restam quando a narrativa se encerra. No entanto, como reitera Alcmento Bastos (1999, p.155)

Esse caráter aberto da narrativa não é conseqüência direta do fato de o romance ter sido publicado quando os fatos históricos que nele estavam ficcionalmente representados ainda estavam de fato em andamento. Nada impedia

que o narrador, usando das prerrogativas que sua condição de entidade ficcional lhe confere, se projetasse até o “futuro” e dali contasse em que, afinal de contas, dera tudo aquilo, ao menos como expressão de um desejo, ou como incitação a que os homens de carne e osso construíssem tal realidade.

Por meio dessa peculiaridade formal concatenada a um conteúdo social, emana da narrativa a essência de toda a busca e de todo o desejo de libertar-se das diversas formas de opressão: uma esperança viva e vivificada a todo o momento pela imaginação utópica, capaz de reavivar-se mesmo quando forças opostas concorram para o seu efetivo esmaecimento. Daí tal romance não ser apenas panfletário, mas manter, intemporalmente, uma atualidade indiscutível, capaz de continuamente nos incomodar e dizer algo profundo a respeito de nossa própria condição humana.

Sigamos pois, o percurso “da alienação” ao “engajamento efetivo” empreendido pelo personagem protagonista, sob um olhar que desvele tanto a estupefação da nação brasileira diante das contradições e do autoritarismo instaurados na realidade transfigurada na ficção e, por meio da imaginação utópica, convertida na elaboração de projetos utópicos; quanto o esmaecimento desses mesmos projetos ao atritarem com forças e poderes atuantes em sentidos opostos. Ressalte-se que estes dois aspectos são incorporados e transfigurados na complexidade que constitui a imagem evolutiva do próprio personagem.

## **2- Do “não-lugar” ao “tempo algum”: o percurso “da alienação” ao “engajamento efetivo” de Nando**

Considerando que a alienação, do latim, *alienus* (o outro) pode se entendida como um fenômeno pelo qual os “humanos não se reconhecem como sujeitos sociais, políticos, históricos, como agentes e criadores da realidade na qual vivem” (CHAUI, 1999, p.170), podemos afirmar que Nando, num primeiro estágio em que nos é apresentado, encontra-se alienado: ao não despertar criticamente para averiguar fatos e/ou questionar a realidade é conduzido à aceitação natural e passiva de tudo o que (in) existe ou (in) existiu. Nando chega a tomar contato com os acontecimentos político-sociais contemporâneos, através de outras personagens, por exemplo, o revolucionário Levindo que, com extremado empenho, luta contra os abusos de poder dos latifundiários, a favor de camponeses explorados e injustiçados. Nando o acompanha num trabalho de mobilização dos camponeses rurais do engenho Nossa Senhora do O. na tentativa de reversão da crítica situação em que os mesmos se acham submersos; porém o faz apenas como espectador. Apenas testemunha os acontecimento nesse turbulento espaço social:

- Lázaro, venha cá.
- Sim, seu Lelo – disse Lázaro.
- Conta aqui ao Padre Nando, lá do Mosteiro, como é que te trataram na Polícia.
- Ah, eu guardei a cara do sargento que me cuspiu em cima. Aquele eu corto de peixeira um dia. Os que me bateram ainda vai. Mas foi por nada, Seu padre. Eu sou homem temente a Deus e nunca tinha tido conhecimento na polícia. Mas o sargento me cuspiu. Feito eu fosse uma poça d'água na rua que a gente cospe assim de desafogo, pra ver se acerta. Eu corto ele Seu Padre.
- Você deve lutar com as mesmas armas – disse Nando. – Lute pelos seus direitos mas perdoe quem lhe ofendeu pessoalmente.
- [...]
- Conta aqui ao Padre Nando, Nequinho – disse Leslie- a história da desonra de tua filha pelo capataz.
- [...]
- Quase na cara da gente. Aquele porco. Não tinha dez braços da casa de farinha. Houve até quem escutou um grito da menina antes dele tapar a boca dela. Grito pertinho. E depois a gente ainda ouvia o galope do cavalo dele quando Maria do Egito já estava na porta de casa toda molhada de lágrima e com o sanguinho ainda quente no vestido dela.
- Nando fez o sinal-da-cruz, num momento de genuíno horror.
- Que Deus perdoe este monstro.[...] (CALLADO, 1984, p. 37-38)

Isso evidencia que, contrariamente às expectativas de Levindo em relação aos camponeses marginalizados e desprovidos de voz na sociedade (expectativas de mobilizá-los numa luta armada em prol dos direitos que lhes eram negados), os mesmos encontram nas atitudes de Nando uma sugestão de passividade e conformismo em relação à situação caótica da qual se tornaram vítimas. Isso porque, até então, em meio aos intensos conflitos internos que perfazem uma parte obscura e complexa do caráter do protagonista, ele se volta para as possibilidades de concretização de um futuro promissor, não a partir de um aqui e agora passíveis de serem modificados, mas, sobretudo, a partir de um devir até então não constituído: um “não-lugar”.

[...] Eu considero a ida ao centro do Brasil onde vivem os índios em estado selvagem, mais importante, muito mais importante do que conhecer o Rio ou São Paulo. E considero uma visita à zona das Missões, mais importante do que visitar Olinda, Bahia, Ouro Preto. [...] As ruínas dos Sete Povos são os restos de uma experiência maior do que qualquer das utopias abstratas já escritas. Ali os jesuítas tentaram recomeçar o mundo com os guaranis.[...]

Hoje só restam ruínas, dignas ruínas, mas ali se provou com índios se poderia retomar, refazer o império sem fim e criar na América uma República teocrática e comunista, na base do cristianismo dos Atos dos Apóstolos. Com seres novinhos da criação dava-se o salto definitivo para uma nova sociedade mundial. (CALLADO, 1984, p.19-20)

Desse modo, podemos afirmar que os ideais contidos no primeiro projeto utópico construído por Nando são, de certa forma, uma extensão dos significados etimológicos do

próprio vocábulo utopia (*do gr. ou-topos*: “o não-lugar”, “lugar nenhum”, “nenhures”): Nando “[...] não vê saída ou solução para a realidade que se lhe impõe, [...]” (ROCHA, 2003, p. 73). Para ele, “[...] há que se construir outra [realidade], substituir uma realidade absolutamente má por uma absolutamente boa”. (ROCHA, 2003, p. 73); há que se tornar concreto um “lugar nenhum” em um “lugar algum”.

Um dos principais fatores que convergem para as iniciativas de implementação desse projeto é a superação dos próprios receios, ligada às sucessivas sondagens introspectivas efetivadas por Nando. Mergulhado num intenso conflito interior, o protagonista hesitava entre o colocar em prática tal projeto o transgredir seu voto de castidade:

- Escute Leslie – disse Nando falando de uma jato. – você vai ter a honra duvidosa de saber por que não segui ainda para o Xingu. Nem d. Anselmo sabe. Só você e o meu confessor. Tenho medo de me defrontar com as índias nuas.
- Medo de que? – disse Leslie.
- Da nudez das índias. Das índias sem roupa.
- [...]
- Medo. Certeza de que perco os sentidos. Ou me atiro a elas. Medo. Medo.” (CALLADO, 1984, p. 79)

“Ajudado” por uma amiga inglesa (Winefred), Nando vence essas inquietações sexuais e dirige-se, então, rumo a concretização de seu ideal utópico, no Brasil Central. Todavia, ao passar primeiro por um estágio de auto-conhecimento, advindo, sobretudo, da experiência propiciada pelo consumo do éter, depara-se, no Brasil Central, com uma muito diversa realidade: tribo indígena assolada por doenças infecciosas contraídas dos não-índios; tribos aculturadas, sob o descaso e a miséria; vítimas dos adventos da civilização. Nando desiste de colocar em prática suas perspectivas de reconstruir uma nova sociedade e retorna ao estágio inicial de alienação.

- Fontoura olhou Nando desconfiado.
- Ué, não vai dizer a Prelazia? Não vai ensinar os índios a rezar?
- Nando riu.
- Até para isso seria preciso ter índios, não é mesmo? (CALLADO, 1984, p. 168)

Esmaece-se, assim, o primeiro projeto utópico de Nando. Como considera Santos (1999, p.142)

[...] o protagonista de **Quarup** conceptualiza um tipo especial de utopia, sem a preocupação de verificar se os fatos históricos tomados como referência (a República ‘comunista’ cristã dos guaranis e as comunidades cristãs primitivas) correspondem aos discursos teóricos existentes sobre eles.

Nada, portanto, impediria que esta experiência fosse bem sucedida na realidade ficcional. Todavia, não é esta a opção adotada pela voz narrativa e Nando não encontra no espaço da ficcionalidade, lugar para o “não-lugar” por ele idealizado. Até mesmo o parque indígena (Parque do Xingu), que seria inaugurado no momento em que Nando se encontrava no Brasil Central, não o é em virtude da projeção reelaborada e ficcionalizada de um elemento de extração histórica: o suicídio de Getúlio Vargas. Elemento este apresentado numa perspectiva temporal que constrói um efeito de simultaneidade a outros acontecimentos: a fuga de Sônia com o índio Anta, da civilização; a aflição de Ramiro e de Falua, dantes por ela apaixonados; a estupefação de Nando, Vanda e Lúcia diante desses acontecimentos; e ainda a celebração dos festejos indígenas denominados “quarup”.

Huka-huka estava no fim e pajés desenterravam Uranaco e demais quarups que agora eram cascas vazias mas em todo o caso respeitáveis porque tinham tido mistério dentro. Os índios da huka-huka e do moitará e javari só ouviram porque conheciam muito bem a voz do Fontoura mas ligar não ligaram o grito dele, porque não queria dizer nada que índio soubesse e viram logo que só podia ser lá coisa de caraíba o Fontoura berrando o velho se suicidou, o velho se matou, o velho morreu e nem interessava também que o Cícero berrasse junto dizendo meteu uma bala no coração e morreu, Getúlio morreu. Otávio saiu correndo como um doido do campo de pouso e encontrou diante da casa do Posto Cícero aos soluços e Fontoura repetindo Getúlio morreu e Nando e Vanda e Lídia de caras transtornadas também e todos a perguntarem se seria que era verdade mesmo quem é que tinha ouvido no rádio e não havia a menor dúvida que o velho tinha metido uma bala no coração [...] (CALLADO, 1984, p. 259).

A partir desse momento, a matéria de extração histórica ganha maior relevo na narrativa. Aumenta significativamente o índice de elementos dotados de referencialidade na realidade extra-ficcional e estes tornam-se decisivos no direcionamento dos fatos. Assim, a parte central da narrativa, intitulada “A orquídea”, constrói-se sob um significativo distanciamento temporal em relação às demais partes que a antecedem, e este distanciamento manifesta, no plano formal, o princípio de uma indissociabilidade entre o trajeto da personagem protagonista e os rumos da matéria de extração histórica.

De volta ao Xingu, numa expedição rumo à localização do centro geográfico do Brasil - ironicamente, um grande formigueiro - Nando concretiza o libertar-se efetivamente de seus primordiais conflitos interiores e de sua inicial postura alienante: renega o sacerdócio; materializa um amor idealizado a partir da figura de Francisca, ex-noiva do revolucionário Levindo, morto em um combate a favor de trabalhadores rurais injustiçados. E, ao despertar criticamente para a realidade, começa a compreender a história do Brasil, concebendo, pois,

uma nova teoria para explicá-la. Quando, em pleno centro geográfico do país, Nando recebe a notícia da renúncia de Jânio Quadros, estabelece uma equiparação entre os insatisfatórios atos de governar o Brasil e o seu primeiro estágio de aprendizado amoroso: *ejaculatio praecox*;

- Mas que coisa, o Jânio! Ele tinha o que? Meses de governo, não?
- Sete meses – disse Nando – e aquela gana toda. Eu estou começando a entender a história do Brasil. São uns apressados, Francisca.
- Como apressados?
- Veja o Jânio. Gozou depressa demais. Fica a pátria sempre nessa aflição, esperando, esperando, insatisfeita, neurótica. (CALLADO, 1984, p. 379)

O despertar crítico constitui um dos fatores essenciais a uma melhor compreensão da realidade e um elemento fundamental à implementação de ações transformadoras, principalmente no que diz respeito à reversão de um quadro opressor. Por meio desse despertar, Nando ascende-se das ingenuidades e acriticidade do senso comum e desiste, portanto, de desistir da humanidade: transcende a visão utópica de fundação de um “não-lugar” absolutamente “bom”, para projetar em um “tempo-algum” as possibilidades de melhora do seu “aqui e agora”. Logo, a busca de afirmação desse tempo/espço futuro fundamentalmente melhor, norteará, doravante, a conduta e os posicionamentos ideológicos do protagonista e, num plano alegórico, se correlacionará ao impulso de modificação do real, advindo da estupefação da nação brasileira diante das contradições vivenciadas momentos antes e mesmo após a instauração do regime militar.

Um dos principais recursos mobilizados a favor do empreendimento deste novo projeto utópico é a “palavra”. A palavra enquanto arma ideológica passível de empreender transformações.

- [...] Nando sentia os olhos cheios d’água, quando diante de um camponês uma coisa ou uma ação virava palavra. A criança tantas vezes vai fazer a coisa a comando da palavra. Para aqueles camponeses tudo já existia menos a palavra.
- De – disse um camponês.
  - Cla – disseram todos.
  - Ra – disse um camponês
  - DECLARAÇÃO! disse outro.
- [..] (CALLADO, 1984, p. 384)

De volta ao litoral, Nando, enlevado no clima eufórico que caracterizou o breve governo populista de João Goulart, transfigurado na ficção, tem participação efetiva no processo de alfabetização/conscientização de massas, a respeito das possibilidades de acesso aos bens materiais e simbólicos que lhes eram negados. Saúde, moradia, condições dignas de

trabalho, educação, perfaziam, assim, grande parte dos propósitos de um projeto utópico por se concretizar.

- Reclamar vocês todos sabem o que é [...]  
Os camponeses riram.
- Só que precisam reclamar cada vez mais os seus direitos. Reclamar tudo a que vocês têm direito. Direito também vocês sabem o que é. Direito que todo homem tem de comer, de ganhar dinheiro pelo trabalho que faz, de votar em quem quiser em dia de eleição.
- O voto é do povo – disse um camponês.
- O pão é do povo – disse outro.
- O pão dá vida ao povo – disse outro.
- Isto mesmo [...] (CALLADO, 1984, p. 384)

Nesse sentido, tal processo assemelha-se aos desígnios dos projetos artístico-pedagógicos e, por extensão, também utópicos, desenvolvidos pelos Centros Populares de Cultura da UNE (CPCs), nos inícios dos anos 60, no Brasil, em que artistas e intelectuais acreditavam ser possível empreender uma Revolução Social sobretudo, por meio da “deselitização” das diversas manifestações artístico-culturais para a transmissão esteticamente pouco elaborada de conteúdos ideológicos/social. Como afirma Carlos Etevam Martins (1978, p. 82), primeiro presidente do CPC:

[...] O CPC tinha em vista dar uma contribuição para que o homem do povo pudesse superar as inúmeras dificuldades, as enormes desvantagens que ele enfrenta para adquirir uma consciência adequada da sua real situação no mundo em que vive e trabalha.

Todavia, “enquanto os intelectuais olhavam para o povo, às costas de ambos tramou-se e executou o golpe militar, que nenhum deles esperava; e, se esperava não temia [...]” (GALVÃO, 1994, p.187). Acontecimento este, em grande parte responsável pelo gradativo esmaecimento das expectativas de que um “tempo-algum” fundamentalmente melhor estava em breve por vir. “[...] até 1964, tínhamos a perfeita sensação de que as classes populares haviam vencido, uma sensação que há 14 anos está enterrada”. (MARTINS, 1978, p. 80).

Nando, comprometido com a afirmação de seus ideais utópicos, é também, na dimensão ficcional, surpreendido pelo “golpe”:

O coronel parou um instante. Passeou pelas caras que tinha diante de si os olhos verde-oliva. Apontou Nando entre os camponeses.

- E prenda aquele homem.

Nando e Januário foram presos separadamente, em dois carros do Exército. Do seu carro, encostado bem perto, Nando quase viu o silêncio mortal que desceu do grupo de camponeses agora sentados na rua, nas calçadas, encostados nos muros.

Abandonados. Um deles, distraído, com o indicador fez girar o pequeno disco do transistor. A vizinha entrou no ar:

- O último comunicado do comando do IV Exército diz que reina a mais completa ordem em todo o país. (CALLADO, 1984, p. 443)

Torturas físicas e psicológicas, as mais cruas formas de cerceamento às liberdades individuais e coletivas a que os sujeitos podem se submeter, convergem-se para pôr termo às aspirações e às buscas de um futuro promissor, transplantadas no projeto utópico já em parte desenvolvido pelo protagonista. Acreditar que uma realidade por mais contraditória que seja é passível de ser modificada e acreditar, ainda, que diante das turbulências do presente é possível projetar ideais de um porvir melhor e buscar a afirmação dos mesmos, foi o real motivo para Nando ser considerado um “subversivo” e, por conseguinte, submetido a um intransigente processo de abusos e brutalidades, que tornam a sua imagem absurda, tal como o poder que a esculpiu.

[...] Seu corpo já estava infuso no espírito mas o espírito se exauria e de repente Nando teve as entranhas varadas pela ponta lancinante de uma dor. Depois uma cutilada no peito. Uma laça enfiada no flanco esquerdo. O espírito se levantava de chofre e Nando entrava de novo na miséria de sua humanidade. Um aro de ferro na cabeça, que agora ele sentia amarrada. Doíam as costas, as pernas, o tórax. Nando sentiu-se inteiro um hino de aflição. (CALLADO, 1984, p. 567)

No entanto, mesmo dilacerado pelas agruras advindas do autoritarismo instaurado, o protagonista consegue manter vivas as aspirações de superação do caos, agora não mais por meio da “palavra”, já que era forçado a silenciar, mas através da organização de uma resistência armada contra o regime militar. Aqui concretiza-se o processo de “deseducação” de Nando, iniciado a partir do momento em que ascende do estágio de alienação.

Nando já a cavalo mal ouvia Manuel Tropeiro. Sentia que via vindo a grande visão. Sua deseducação estava completa. O ar da noite era como um escuro éter. A sela do cavalo um alto pico. Da sela Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo da furna de rocha quente. [...] (CALLADO, 1984, p. 567)

Ao engajar-se efetivamente contra as forças atuantes em sentido oposto ao ideal de um “devir transformador” concebido em seu projeto utópico, Nando assume o codinome do revolucionário que fora morto há dez anos numa luta a favor dos camponeses injustiçados: uma atitude heróica ritualizada numa cerimônia simbólica que intitula o livro e excede suas fronteiras para projetar uma nota de otimismo no negro cenário do Brasil. “[...] Meu nome vai ser Levindo. E Nando viu o fio fagulhar ligeiro entre as patas do cavalo como uma serpente

de ouro em relva escura.” (CALLADO, 1984, p. 601)

Dado o caráter inconcluso de **Quarup**, os fatos históricos posteriores à realidade que nele se “encerra”, ou mesmo as obras literárias que os transfiguram, como é o caso dos romances também calladianos **Bar Don Juan** (1971) e **Sempreviva** (1981) é que nos dirão quais foram os resultados da utopia de Nando projetada para além da realidade ficcional. Como afirma Bastos (2000, p.26), “em **Bar Don Juan** a tônica é o desencanto”. Já não há a focalização em primeiro plano da trajetória modelar de um “herói” como Nando, mas a ficcionalização do fracasso de uma experiência coletiva contra a ditadura militar. Entretanto, a partir da exposição da ausência de organização dos personagens ao mobilizarem uma luta armada para derrocar o regime, permite-nos entrever ainda, alguma esperança, já em muito esmaecida. Isso, caso haja, numa nova tentativa, organização e plena conciliação dos ideais revolucionários, em parte concebidos pela “esquerda festiva”, a uma prática essencialmente eficaz.

Diferentemente ocorre em **Sempreviva**, cuja focalização em primeiro plano da trajetória do protagonista Quinho, envolvido sobretudo com o empreendimento de um “projeto individual” (BASTOS, 2000, p. 33) - a vingança dos torturadores e assassinos de sua mulher Lucinda - já não evidencia a projeção utópica das possibilidades, ainda que ficcionais, de modificação da realidade político-social do país. Resta ao leitor, além do efetivo esmaecimento dos projetos utópicos ficcionalizados em **Quarup**, a estupefação diante da persistente brutalidade transfigurada na ausência de receptividade dos sujeitos expelidos da pátria: Quinho é cruamente morto, após ser exilado durante dez anos e retornar de forma clandestina ao Brasil a fim de empreender o seu projeto particular.

### **Considerações finais**

Temporalmente seqüenciada e atada às relações de causalidade pela voz de um narrador heterodiegético, a trajetória cumprida pelo protagonista Nando, delineia um processo que compreende o despir-se de pré-conceitos, o mergulhar na própria interioridade, o despertar a consciência crítica para a realidade e o empreender projetos inovadores a fim de modificá-la. Assim, o processo de “deseducação” de Nando pode ser tomado como uma metamorfose alegórica da estupefação da nação brasileira diante dos desajustes da realidade e os projetos utópicos por ele idealizados, uma transfiguração dos auspícios de superação do caos concebidos por essa mesma nação.

“Sem que sejam transgredidas as barreiras da verossimilhança, Nando é, alegoricamente uma proposta de brasileiro” (BASTOS, 2000, p. 23). Da alienação ao engajamento político-ideológico, formas diversas de resistências e projeções utópicas a uma realidade opressora se tornam explícitas e passíveis de serem assimiladas. Seja por exemplo, a revolução de princípios e concepções ideológicas, num âmbito individual, seja, no âmbito social, o engajamento “da palavra” e “das armas”, seja ainda, numa correlação de ambos, a construção de projetos utópicos voltados para a afirmação de um “não-lugar” ou mesmo de um “tempo-algum” fundamentalmente melhor do que um aqui-e-agora essencialmente degenerado.

A despeito “do conhecimento que eventualmente o leitor tenha de como terminou a saga dos diversos Nandos que atuaram na cena política do Brasil dos anos 60/70” (BASTOS, 1999, p. 155), o tom otimista em que a voz narrativa suspende a apresentação dos fatos, não deixa de projetar um resquício de utopias para além da realidade ficcional. As esperanças e crenças na reversão do caos pelo poder da Revolução ainda não haviam de todo se esmaecido.

A estupefação e o esmaecimento dessa mesma projeção utópica, embora posteriormente se efetive num plano extra-ficcional, seja em virtude da censura, auto-censura, ou outras formas coercivas, não impedem que **Quarup** intemporalmente atinja a essência de qualquer realidade socialmente degradada e toque, de forma profunda, na sensibilidade humana movida pelo utópico desejo de superá-la.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, A. **A história foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80**. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

\_\_\_\_\_. Ali e outrora, aqui e agora: o romance histórico e político, limites. In: \_\_\_\_\_. LOBO, L. (org.) **Fronteiras da literatura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. v.2.

CALLADO, A. **Bar don Juan**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Quarup**. 14 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **Sempre viva**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, T. **O que é utopia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DENIS, B. **Literatura e engajamento: de Pascoal a Sartre**. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.

FRANCO, R. Imagens da revolução no romance pós-64. In: \_\_\_\_\_. SEGATTO, J. A. & BALDAN, U. (orgs.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p.143 – 166.

FREITAS, M. T. Romance e história. In: \_\_\_\_\_. **Uniletras**, Pontagrossa, nº11: 113-118, dez. 1989.

MARTINS, C. E. História do CPC. Depoimento. Transcrição resumida. **CEAC**, out. 1978.

PELLEGRINI, T. **Gavetas vazias**. Ficção e política nos anos 70. São Paulo: EDUFSCar, 1996.

ROCHA, R. C. Utopia e projeto utópico. In: \_\_\_\_\_. **Da Utopia ao ceticismo**: a sátira na literatura brasileira contemporânea. (Tese de Doutorado). Araraquara, 2006. p. 60-78.

\_\_\_\_\_. Utopia, ucronia e ceticismo. In: \_\_\_\_\_. **Arte da escrita**. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus IV – Jacobina – BA: UNEB, 2003.

SANTOS, F. V. **Callado no lugar das idéias: Quarup**: um romance de tese. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

SOUSNOWSKI, S.; SCHWARTZ, J. (orgs.) **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: EDUSP, 1994.

---

<sup>i</sup> Todas as referências a esta obra de Antonio Callado seguirão a 14 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>ii</sup> Ver mais a esse respeito nos depoimentos contidos em SOUSNOWSKI, S.; SCHWARTZ, J. (orgs.) **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: EDUSP, 1994, e nas discussões de PELLEGRINI, T. **Gavetas vazias**. Ficção e política nos anos 70. São Paulo: EDUFSCar, 1996.

<sup>iii</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre as narrativas de engajamento, ver DENIS, B. **Literatura e engajamento**: de Pascoal a Sartre. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.

<sup>iv</sup> Tomo aqui emprestado o termo utilizado por Alcmeno Bastos, em sua obra intitulada **A história foi assim**: o romance político brasileiro nos anos 70/80. Rio de Janeiro: Caetés, 2000; para designar a “matéria objeto de alguma forma de registro documental, escrito ou não, de que resulta permanecer na memória coletiva de uma determinada comunidade.” (BASTOS, 2000, p.9)